

A ARTETERAPIA COMO QUEERIZAÇÃO

(RAI LEON¹¹) RAISSA SOUZA DE LIMA¹; ROSÂNGELA FACHEL DE MEDEIROS²

¹ Universidade Federal de Pelotas – souza.raissaleon@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – rosangelaFachel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa que começa a ser desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a qual tem como proposta explorar a intersecção entre arte, saúde e estudos *queer/cuir*. Com isso, utiliza-se a Arteterapia como ferramenta para ampliar as narrativas de pessoas LGBTQIA+, promovendo dessa forma discursos mais equitários no campo dos estudos de saúde. Para tanto, busca-se “queerizar” a Arteterapia como exercício de desconstrução das narrativas cisheterohegemônicas dominantes.

Acompanhando o pensamento filosófico e artístico de NACHMANOVITCH (1993) e OSTROWER (2014), iniciamos essa conversa refletindo sobre a ideia de criatividade. Para os autores, ela é inerente à existência humana e nos possibilita experimentar a nós mesmos, de modo que não pode ser meramente ensinada, mas deve ser cultivada por meio de práticas constantes e da exploração de ideias. Com ela, podemos descobrir novas formas de pensar, sentir e agir, o que se correlaciona com a perspectiva da cantora LINIKER (2022), que vê o processo criativo como um “processo de cura”.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2019) reconhece o impacto positivo das artes na saúde humana. Igualmente, a Arteterapia, método de cuidado profissional por meio das artes, é hoje reconhecida e utilizada em diferentes contextos para promover o bem-estar emocional, físico e social. No BRASIL (2017), ela foi incluída nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs) do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse sentido, acreditamos que a arte pode desempenhar um papel essencial como meio de expressão e protagonismo para a comunidade LGBTQIA+. Visto que, ao implementar práticas inclusivas e adaptadas às necessidades específicas de diferentes pessoas, estamos refinando nossa capacidade de empatia, compreensão e respeito pela diversidade e pela pluralidade de experiências, o que, por sua vez, pode ajudar a melhorar a qualidade e a eficácia do atendimento para a população em geral.

É importante lembrar que, a população LGBTQIA+ possui necessidades específicas e interseccionalidades que devem ser consideradas em seus atendimentos de saúde. Segundo NASCIMENTO (2021), a falta de informações e a unificação desses grupos distintos criam barreiras de acesso e perpetuam a sua marginalização e invisibilização, levando a agravamentos em indicadores de saúde.

À vista disso, faz-se necessário pensar na adoção de perspectivas decoloniais e plurais, evitando visões estereotipadas e redutoras, que marginalizam e perpetuam relações de dominação (BHABHA, 1998). A partir dessas perspectivas, esta pesquisa tem o intuito de evidenciar a Arteterapia como uma ferramenta para queerizar narrativas e proporcionar um local emancipatório e de protagonismo para essa comunidade.

¹ Nome social por se compreender uma pessoa não-binária de alinhamento agênero.

2. METODOLOGIA

Para o presente trabalho, adotaremos a metodologia de revisão bibliográfica narrativa. Esse método envolve a análise crítica do que já foi estudado e publicado a fim de identificar lacunas na literatura existente (MATTOS, 2015). Com isso, buscaremos correlacionar os achados de diferentes pesquisas e elaborar conclusões que possam contribuir para a compreensão e a abordagem das interseções entre arte, saúde e estudos *queer*.

Dada a natureza interdisciplinar do nosso tema, será necessário realizar um levantamento em diferentes campos teórico-críticos e formatos, como: artigos acadêmicos, relatórios de organizações de saúde, publicações específicas de organizações LGBTQIA+, entre outros materiais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Ministério da Saúde preconiza a universalização e a equidade no SUS para assegurar o acesso à saúde para todas as pessoas e minimizar as desigualdades sociais (BRASIL, [2022]). Esse compromisso é especialmente relevante quando pensamos na saúde das pessoas LGBTQIA+, que enfrentam diariamente a invisibilidade e o não reconhecimento de seus direitos de cidadania. Desse modo, torna-se essencial enfrentar os desafios de acesso a produtos, serviços e ambientes culturais, indo além das vulnerabilidades para incluir narrativas e subjetividades diversas nas ações de saúde. Isso envolve a reformulação dos paradigmas cisheteronormativos existentes por meio de perspectivas críticas e criativas, evitando assim a perpetuação de necropolíticas (MBEMBE, 2011 apud SILVA, 2018).

A interdisciplinaridade entre artes e Psicologia tem ajudado a promover saúde e bem-estar ao oferecer, por meio da Arteterapia, uma forma não invasiva de compreender e comunicar emoções, pensamentos e experiências internas. Além de estimular a criatividade, ela proporciona um ambiente de cuidado, escuta atenta e não julgamento, elementos essenciais para a promoção, reabilitação e recuperação da saúde, bem como para a prevenção de agravos e para a melhoria da qualidade de vida como um todo (SILVEIRA, 1992).

Ainda, ao considerarmos as múltiplas potencialidades da população LGBTQIA+ que, muitas vezes, são invisibilizadas ou negligenciadas, a Arteterapia pode funcionar como uma ferramenta poderosa para visibilizar e valorizar essas potencialidades, contribuindo para o fortalecimento da identidade individual e coletiva. Sendo assim, a promoção da justiça social e da equidade deve passar, necessariamente, pelo reconhecimento e pela valorização das diferenças e das múltiplas formas de expressão da humanidade.

De acordo com CUSICANQUI (2015), as imagens também podem ser uma forma de resistência contra a hegemonia cultural e um meio de reconstruir identidades e narrativas historicamente marginalizadas. Da mesma forma, para a cantora e travesti Linn da Quebrada, isso se dá por meio da ocupação de “espaços que também são nossos” ou pela conquista de “[...] territórios teóricos-práticos-epistemológicos de maneira menos lógica e mais sensível” (PEREIRA, 2022, p. 9).

As intervenções citadas acima são uma necessidade urgente no âmbito de promoção de saúde, pois é preciso criar locais que abracem:

[...] a subversão da ordem e a abertura de espaço para outras formas de ser, permitindo a manifestação do amplo espectro do humano em contraposição aos enquadramentos binários (MEDEIROS, 2018, p. 74).

A partir disso, busca-se trazer a concepção de “queerização” dos espaços, estudos e epistemologias, fundamentada em uma teoria *queer* que atue “[...] como uma posição estratégica na luta contra a fixação de enquadramentos identitários normatizados e domesticados pelas práticas/discursos institucionalizados” (MEDEIROS, 2018, p. 78).

4. CONCLUSÕES

A elaboração de um protocolo de atendimento arteterápico, alinhado às diretrizes de saúde pública, não apenas beneficiaria a população foco deste estudo, mas também a comunidade em geral. Conforme destacado por SARRAF (2017), ao promover o diálogo para um público específico, é possível expandi-lo e integrá-lo a outros setores e populações, e, desta forma, superar os obstáculos de acesso a produtos, serviços e ambientes culturais, incentivando a inclusão de diversas narrativas e subjetividades.

A inclusão social, o resgate da autoestima e o protagonismo de grupos marginalizados são aspectos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva. Pensando nisso, busca-se contribuir ao sugerir a implementação da Arteterapia como uma estratégia eficaz para alcançar esses objetivos. Uma vez que, ao promover a expressão criativa e a comunicação de emoções, pensamentos e experiências por meio da arte, é possível criar espaços de inclusão e de resistência contra a cisheterohegemonia cultural e suas narrativas dominantes.

A Arteterapia se apresenta, então, como uma ferramenta valiosa no campo da saúde e da inclusão social, com potencial para transformar vidas e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Isto posto, ao abordar as necessidades e potencialidades específicas da população LGBTQIA+, este estudo procura colaborar com a expansão do conhecimento e a promoção de políticas públicas mais inclusivas e eficazes.

Para ampliar as discussões mencionadas acima, é fundamental criar espaços inclusivos e seguros em todos os setores da sociedade — acadêmicos, políticos, culturais e econômicos — que promovam o diálogo e a colaboração entre diferentes grupos e perspectivas. Além de implementar políticas públicas e práticas institucionais que reconheçam e atendam às necessidades específicas da população LGBTQIA+, é crucial fomentar a educação e a conscientização sobre as questões enfrentadas por essa comunidade, combater o estigma e a discriminação, e promover a representatividade e a participação ativa de pessoas LGBTQIA+ em todos os níveis de tomada de decisão. Ademais, é necessário incentivar a pesquisa e o desenvolvimento de metodologias interdisciplinares, como a Arteterapia, que possam contribuir para o bem-estar, o protagonismo e a construção da identidade cidadã de pessoas LGBTQIA+ e outros grupos marginalizados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia

Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Acessado em 21 set. 2023. Online. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema Único de Saúde**: estrutura, princípios e como funciona. Brasília, [2022]. Acessado em 1 jun. 2023. Online. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sus>

CUSICANQUI, S.R. **Sociología de la imagen**: miradas ch'ixi desde la historia andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

LINIKER. [Entrevista cedida ao] **Roda Viva**. [S. l.: s. n.], 12 dez. 2022. 1 vídeo (108 min.). Publicado pelo canal Roda Viva. Acessado em 6 jun. 2023. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6MWHM0O5Tg>

MATTOS, P.C. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu, 2015. Acessado em 3 set. 2023. Online. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>

MEDEIROS, R.F. Enquadramento e convergência: o queer como resistência. **Paralelo 31**, [s. l.], ed.11, p.48-90, 2018.

NACHMANOVITCH, S. **Ser criativo**: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993.

NASCIMENTO, L.C.P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OMS. **What is the evidence on the role of the arts in improving health and well being? A scoping review**. Copenhagen: OMS, 2019.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PEREIRA, L. Apresentação. In: PASSOS, M.C.A. **Pedagogias das travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. p. 9-10.

SARRAF, V.P. Acessibilidade em museus e centros de ciência. In: **REUNIÃO ANUAL DA SBPC**, 69., Belo Horizonte, 2017. **Anais...** Belo Horizonte: SBPC, 2017.

SILVA, M.R.C.G. **Corpos antropofágicos**: supermáquina e interseccionalidades em cartoescrita de fluxos indisciplinados. 2018. 261f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade do Estado do Amazonas.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992.